

Os profetas da chuva de Pedro II – PI: os saberes ancestrais no fortalecimento da agricultura familiar

Jéssica Oliveira Soares (IFPI)¹; Alane Amorim Barbosa Dias (UNIVASF)²

adm.jessica@yahoo.com.br¹; alane.a@hotmail.com²

Professora de administração (IFPI); Mestranda em Extensão Rural (UNIVASF)²

GT 8 - Trabalho autogestionário e economia popular solidária: resistência, saberes e processos organizativos em tempos de pandemia.

RESUMO

Objetiva-se com este trabalho descrever e analisar a atuação da rede de profetas e profetizas de Pedro II, Estado do Piauí, na perspectiva dos valores da economia solidária, destacando a resistência frente aos desafios impostos pela pandemia da COVID-19. Os profetas da chuva são um grupo composto por 15 agricultores familiares que utilizam saberes ancestrais e experiências adquiridas no âmbito da cosmologia e da observação da natureza, para prever as chuvas e planejar a colheita do ano vindouro. Tais saberes estão permeados pela religiosidade, sustentabilidade e ancestralidade, guardando estreita relação com a prática da economia solidária. Os profetas da chuva, a partir de sua atuação em rede, coloca em movimento os principais valores da economia solidária: valorização do trabalho, do saber e da criatividade humana, unidade entre produção e reprodução, ajuda mútua, inclusão, intercâmbio respeitoso entre o homem e a natureza, atuação voltada para o local (ARROYO; SCHUCH, 2006; CATTANI *et al*, 2009; FRANÇA FILHO, 2002). A metodologia utilizada para discussão do artigo é a pesquisa qualitativa por meio do estudo de caso. Para análise dos dados elegeu-se a técnica análise de conteúdo (BARDIN). Os dados analisados foram coletados no XIII Encontro de Profetas e Profetizas de Pedro II – Piauí, realizado em janeiro de 2021 e por meio de entrevista semiestruturada com o organizador do evento e principal responsável pela formação da rede. No evento online, os profetas e profetizas relataram, individualmente numa entrevista gravada, suas observações e previsões de chuva para os primeiros meses de 2021. Como discussão dos resultados, enfatiza-se o grau de coesão do capital social existente entre os profetas que, por meio de encontros anuais para trocar conhecimentos, experiências e previsões, resistem a um processo latente de deslegitimação do saber popular, fortalecendo a rede e garantindo a disseminação dos saberes adquiridos às gerações futuras. Salienta-se que na construção do saber social, observa-se a consolidação do saber considerado senso comum em ciência e a covalência existente entre ambos, onde o suprimento de um saber pode comprometer o outro.

Palavras-chave: Rede de economia solidária; Saberes Populares; Agricultura familiar.

ABSTRACTO

El objetivo de este trabajo es describir y analizar el desempeño de la red de profetas y profetisas en Pedro II, Estado de Piauí, desde la perspectiva de los valores de la economía solidaria, destacando la resistencia a los desafíos impuestos por el COVID. -19 pandemia. Los profetas de la lluvia son un grupo de 15 agricultores familiares que utilizan los conocimientos y experiencias ancestrales adquiridos en el ámbito de la cosmología y la observación de la naturaleza, para predecir las lluvias y planificar la cosecha para el

próximo año. Dicho conocimiento está impregnado de religiosidad, sostenibilidad y ascendencia, manteniendo una estrecha relación con la práctica de la economía solidaria. Los profetas de la lluvia, a través de su actuación en red, pusieron en marcha los principales valores de la economía solidaria: valorización del trabajo, conocimiento y creatividad humana, unidad entre producción y reproducción, ayuda mutua, inclusión, intercambio respetuoso entre el hombre y la naturaleza, actuar centrado en la ubicación (ARROYO; SCHUCH, 2006; CATTANI et al, 2009; FRANÇA FILHO, 2002). La metodología utilizada para discutir el artículo es la investigación cualitativa a través del estudio de caso. Para el análisis de datos se eligió la técnica de análisis de contenido (BARDIN). Los datos analizados fueron recolectados en el XIII Encuentro de Profetas y Profetas de Pedro II - Piauí, realizado en enero de 2021 y a través de una entrevista semiestructurada con el organizador del evento y el principal responsable de la formación de la red. En el evento en línea, los profetas y profetisas informaron, de manera individual en una entrevista grabada, sus observaciones y pronósticos de lluvia para los primeros meses de 2021. Como discusión de los resultados, se enfatiza el grado de cohesión del capital social existente entre los profetas. .medio de reuniones anuales para intercambiar conocimientos, experiencias y predicciones, resisten un proceso latente de deslegitimación del conocimiento popular, fortaleciendo la red y garantizando la difusión de los conocimientos adquiridos a las generaciones futuras. Es de destacar que en la construcción del conocimiento social, existe una consolidación del conocimiento considerado de sentido común en la ciencia y la covalencia existente entre ellos, donde la oferta de un conocimiento puede comprometer al otro.

Keywords: Red de Economía Solidaria; Conocimientos populares; Agricultura familiar.

INTRODUÇÃO

Os "Profetas e Profetizas da chuva de Pedro II-PI" é uma rede formada por 15 agricultores familiares ancorados em saberes permeados pela religiosidade, sustentabilidade e ancestralidade. Apesar de cada componente ter sua própria produção em seu próprio pedaço de terra, compartilham dos mesmos conhecimentos e têm a mesma relação com a natureza: utilizam os sinais e acontecimentos que encontram no céu e na terra pra traçar hipóteses sobre o período das chuvas do ano vindouro. Com isso, planejam o período de plantação e colheita, anunciando "fatura" ou "castigo".

O presente trabalho tem como objetivo apresentar essa rede de agricultores familiares discutindo temas como trabalho valores da economia solidária, território, enfrentamento da pandemia e saberes populares locais.

Os dados para esta pesquisa foram coletados neste evento online e por meio de entrevista semiestructurada com o gestor do Centro de Formação Mandacaru, via plataforma *Google Meet*. Com isso, foi possível caracterizar a rede desde sua origem até suas ações e desafios atuais.

Este texto pretende ser mais um instrumento de valorização dos saberes locais e dos valores da economia solidária, apresentando um caso concreto de trabalhadores do campo e sua relação harmoniosa e respeitosa com a natureza.

1. REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO VALORIZAÇÃO E RESISTÊNCIA DAS POTENCIALIDADES LOCAIS

A discussão da economia solidária ganhou força na última década e tem sido fragilizada nos últimos anos, considerando as políticas partidárias que enfraquecem a organização da base cidadã. Sendo considerada como uma alternativa latente ao desemprego, bem como, fortalecimento de vínculos e laços sociais, além de combater fortemente as desigualdades sociais, a economia solidária solidifica os valores e saberes locais, tecendo pontes de interconexões local, territorial e global.

Nesta concepção é necessário rememorar a definição de economia solidária proposta por Paul Singer. A economia solidária pode então ser percebida

como um modo de produção e distribuição alternativo [...], criado e recriado pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho. A economia solidária casa o princípio da unidade entre posse e uso dos meios de produção e distribuição com o princípio da socialização desses meios. (SINGER, 2000, p. 13).

Conforme apontam estudos de Kraychete e França Filho, a base de solidificação da economia solidária, apontam caminhos estruturantes da colaboração, justiça social, solidariedade, cidadania, igualdade, equidade, respeito a diversidade e pertencimento cultural. “Na economia solidária é o econômico (redefinido), ou melhor, são as atividades de natureza econômica que estão a serviço dos objetivos sociais ou políticos da organização.”. (FRANÇA FILHO, 2004).

Traçando essa mesma tangente vincula-se grande influência da economia solidária nos processo de produção, comercialização, prestação de serviços, modo/forma de vida e no trato/relação com a terra e meio ambiente. Esta é uma pratica milenar que veio se deteriorando ao longo do tempo, mas que tem sido retomada com a observação da fragilização das relações humanas.

Parafraseando a economia solidária através de França Filho (2004) este evidencia um circuito de relações produtivas tecidas pela condição social do cotidiano, sendo uma realidade heterogênea, ligadas pelas diversas atividades de produção e comercialização em locais marginalizados. Nesse sentido, a solidariedade encontrada no tecido social local e

comunitário, através das práticas de solidariedade e incentivadas ou não, pelas políticas de redistribuição e pela reciprocidade, criam meios para a construção de novas atividades, embasadas pela relação de necessidades e saberes na perspectiva local.

O que alicerça a lógica das relações embasantes da economia solidária é a forma como esta se estabelece na lógica do capital, evidenciando seu alicerce central na razão e motivação dos sujeitos e menos na lógica exploratória que o capital incita sobre o trabalho. A vinculação dada por alguns autores a economia solidária sobre sua atuação popular, salienta o incentivo destinado ao saber local e a cultura popular que outrora fora expropriado pela relação exploratória, dada a ideia de trabalho. Assim, “o que move a produção capitalista é a maior expansão possível do próprio capital. No caso dos empreendimentos econômicos populares, não existem os pressupostos da acumulação.”. (KRAYCHETE, 2016, p. 4).

Outro pilar de sustentação da economia solidária, reafirma o compromisso com a sustentabilidade e com o reaproveitamento ou reciclagem de elementos dispensados pela lógica capitalista. Nesse mesmo ensejo, reiterando Kraychete (2016) ao delinear essa perspectiva relacional de trabalho, o indivíduo descartado pela estruturação capitalista, encontra subsídio para se reinventar, buscando assim, a unidade entre similares e em alguns casos em dispares.

A teia que firma a solidificação da economia solidária como afirma Kraychete (2016) é anterior a sua consolidação teórica, sendo está uma “forma social de produção”. Destarte, França Filho (2004) implica ainda que o fenômeno da economia solidária, deriva das práticas associativistas e cooperativistas, através de uma dinâmica comunitária que visa o enfrentamento de problemáticas públicas locais.

Relacionar a economia solidária com os ditames territoriais e as implicações de desenvolvimento, embasando-se na ideia de envolvimento local/global apresentado por Furtado, pressupõe pensar ações e estratégias multidimensionais, descentralizadas, endógenas, de valorização das redes e laços sociais, implicando na construção, planejamento e deliberação de políticas públicas. Destarte, a relação economia solidária e território expropria o modelo individualista cultura, incitado na solidificação da democracia e da solidariedade (LIMA, 2012).

Ao delinear as prerrogativas de desenvolvimento e territorialidade, Lima (2012) enfatiza que as bases da economia solidária apresentam a valorização territorial no espaço do âmbito público, estreitando relações Estado e Sociedade, numa visão multidimensional da territorialidade. Assim, as dimensões da territorialidade traçadas pela economia

solidária implicam na descentralização da participação social no envolvimento com as políticas públicas, entrelaçamento das dimensões sociais, econômicas, ambientais e políticas-institucionais, sendo ainda fomentada a “valorização das raízes histórico-geográficas do território, das redes sociais e de solidariedade, enquanto processos endógenos de desenvolvimento.”. (LIMA, 2012, p. 174).

Configurando a categoria trabalho através da economia solidária, o perfil ideológico deste, alicerça-se na propriedade coletiva, através da participação e relação entre os pares, alicerçando-se na instrumentalização da cooperação, igualdade e sustentabilidade. Estas nuances, delineiam o trabalho autogestionário, utilizando os recursos naturais de forma consciente como meio de execução das finalidades e não recurso fim.

Delinear a economia solidária, principalmente no âmbito rural, vincula-o de maneira direta e equilibrada com as práticas da agricultura familiar. Uma das características pilares destes é a possibilidade de sustentabilidade dos indivíduos à margem do circuito econômico e as relações traçadas em sua maioria com o Estado. No tocante relacional com o indivíduo, produção, rede e sustentabilidade, a economia solidária e a agricultura familiar, concomitantemente evidenciam grande potencialidade na produção e comercialização, agregando valor aos seus produtos e fortalecendo mercados locais e institucionais, bem como fomenta a cultura local, através da dinâmica de inclusão e promoção do social. Somando-se a perspectiva rural, a “[...] agricultura sempre foi um espaço social onde acontecem várias formas de cooperar, principalmente entre família e vizinhos, até mesmo com a sociedade pela oferta de produtos diversificados e de boa qualidade, principalmente em espaços de Economia Solidaria.”. (TRETER; RÁSIA, 2014, p. 5).

A agricultura familiar tem sido incentivada também através dos fundos de apoio para trabalhos solidários propostos pelo movimento de economia solidária através de fundos rotativos, créditos solidários, redes de trocas, mutirões, moedas solidárias e projetos que incentivem o fomento à agricultura familiar. Nesse sentido, a atual conjuntura brasileira tem implicado diretamente para a construção e implementação da forma de se delinear as relações de reciprocidade fora e dentro do campo, assim, é necessário observar a situação social, política, econômica e cultural do rural do Brasil. Acentuando-se os agravos do processo de colonização e o modo como ocorreu a ocupação do espaço rural e urbano. A economia historicamente sempre se configurou pelo pilar da agricultura, destacando-se a familiar, mas o acirramento do capital implica a imposição da prática

monopolista incentivando a cultura internacional e enfraquecendo os laços e comércio local., incentivando as oportunidades de emprego, aumentando fontes de renda e inclusão socioeconômica.

A relação ecosol e agricultura familiar nesse sentido, se cruzam no sentido de estruturar e desenvolver auxílio e responsabilização dos produtores nos espaços de produção, comercialização e organização. Nesse sentido, possibilita a concretização trabalho, propriedade, família e sociedade, além de fomentar a estabilidade, diversificação e durabilidade dos recursos naturais e relações sociais.

A percepção território, desenvolvimento e economia solidária tecem entrelaçamentos de redes de conexões, estabelecidas à nível horizontal, subsidiadas pela reciprocidade e cooperação. Existe ainda, autores que percebem esta interconexão como uma própria política de desenvolvimento que parte do local para o global. (SINGER, 2003). Colaborando ainda com essa discussão, Vasconcelos (2007) reforça que a descentralização do poder de planejamento somente para o Estado, acrescido da inclusão social e da autogestão impulsionam a atuação da ecosol (como é carinhosamente conhecida a economia solidária) nos transmisses da gestão e territorialização. Logo, a utilização da ecosol como instrumentalização para territorialização de redes, fomenta a geração de normas e valores à nível cultural embasados nos laços de confiança e proximidade, alicerçados na consecução de objetivos comuns e estreitamento das redes horizontais.

Delineando o espaço da territorialidade, observa-se que a discussão deste, pauta-se na apropriação dos sujeitos do espaço que estes ocupam, deixando acentuado como se configuram as relações de poder e como ocorre as diversas intervenções nesta relação. Assim, o território parte da construção e modelagem da ação social. Nesse aspecto, Le Berre (1995, p. 606) pressupõe que “o território pode ser definido como a porção da superfície terrestre, apropriada por um grupo social, visando assegurar sua reprodução e a satisfação de suas necessidades vitais.”.

Trazendo mais elementos à discussão de territorialidade, alguns autores dissertam que a territorialidade implica no comportamento humano nos moldes das atividades sociais, evidenciando o sentimento de pertencimento, implicando as relações dos indivíduos e do grupo em seu meio de referência. Para além das relações homem-território, essa discussão implica o posicionamento do tempo, espaço e sociedade, visando fomentar a autonomia dos indivíduos, juntamente com os recursos do sistema. Ao pensar as concepções do território como atributo humano, as normas e valores culturais e sociais, estabelece a cultura da cultura, fortalecendo a coletividade das relações interespaiais.

(RONCAYOLO, 1986; RAFFESTIN, 1993). Nesse sentido, “todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais”. (SOUZA, 1995, p. 99)

As relações propostas e acentuadas pela economia solidária evidenciam o protagonismo de sujeitos locais e anteriormente esquecidos/marginalizados, fomentando a conexão da gestão do que é comum e que une os sujeitos. Logo, na perspectiva de desenvolvimento espaço-social-cultura-economia a disputa pela autonomia e autogestão é constante, evidenciando a necessidade do ativismo social. Implicando essa vertente, Souza (2013, p. 241) reforça a necessidade da heterogeneidade dessas práticas sociais e espaciais.

práticas espaciais são práticas sociais em que a espacialidade (a organização social, a territorialidade, a “lugaridade”...) é um componente nítido e destacado da forma de organização, do meio de expressão e/ou dos objetivos a serem alcançados. Toda prática espacial, assim como, mais amplamente, toda prática social é uma ação (ou conjunto de ações) inscritas nos marcos de relações sociais. Por isso é importante articular o conceito de prática espacial com os de relação social e ação social.

Retomando a discussão de França Filho (2006), este afirma que o desenvolvimento local se estabelece pela economia solidária através da coesão social estabelecidas pelos sujeitos, bem como a forma como se estabelecem as trocas, visto isso, ocorre uma organização política e social pelo fortalecimento do associativismo local; aumento ou estabelecimento da coesão social pela estruturação dos laços de solidariedade entre os sujeitos; apropriação da cultura, considerando-se a tradição e a preservação da memória e história; preservação ambiental, pautado na sustentabilidade e valorização do ecossistema local e a gestão do conhecimento pela proposição de tecnologias sociais que em sua maioria, passam a ser geridas localmente.

Essa vertente de discussão da economia solidária, ganha embasamento maior ao ser somada à discussão da gestão do bem comum que entra em ascensão em 2009, após a crise financeira eclodida nos Estados Unidos da América. Nesse mesmo período Elinor Ostrom, foi indicada ao prêmio Nobel, após apresenta um estudo que apresenta que frequentemente pessoas conseguem desenvolver mecanismos de decisão entre os considerados bens comuns, sendo estes: florestas, pesca, meio ambiente, campo de pastagens, dentre outros. Ostrom observa que “ [...] há casos ao redor do mundo em que comunidades conseguiram regular com sucesso e de forma sustentável a utilização de recursos comuns através da cooperação, atuando ao largo da ação do Estado e do Mercado.”. (SIEDENBERG; KRÜGER, 2015, p. 2).

O bem comum se manifesta por sua característica material e imaterial, sendo estes recursos limitados ou não. Logo as manifestações culturais e religiosas, as línguas, hábitos, modo de se vestir, a ciência e a técnica são caracterizadas como bem comum imaterial. Ainda nesse delineamento, afirma Siedenberg; Krüger (2015, p. 5) que o bem comum

é um sistema de autogestão e de direitos de consenso (conselhos) para controlar o acesso a um recurso e sua utilização. Em geral, os bens comuns têm limites bem definidos. Estão sujeitos a regras bem entendidas por seus participantes. Há suficiente abertura para identificar e castigar os “oportunistas”. As regras de gestão de um bem comum podem ser informais e implícitas, e estar encarnadas nas tradições e normas sociais. Ou bem podem ser explícitas e estar codificadas formalmente na lei. Nos dois casos, as pessoas que compartilham um bem comum têm uma compreensão social de quem tem direito a usar os recursos e em que condições. (BOLLIER 2012, p. 47).

Alguns teóricos afirmam que a compreensão do bem comum observa a disputa do duelo capital e a compreensão do Estado. Elencando ainda as colocações propostas por Ostrom (2012), Siedenberg; Krüger (2015) incita que uma gestão bem sucedida do bem comum, vai necessitar de uma nova geração de modelos econômicos que observem a racionalidade absoluta através do comportamento humano em instituições competitivas, incitando arranjos institucionais menos restritivos aplicados à ação humana que se alicerça na racionalidade e na moral do compartilhamento do bem comum. (OSTROM, 2012 apud SIEDENBERG; KRÜGER, 2015).

Assim, ao evidenciar o estudo apresentado por Ostrom (2012) sobre a gestão dos bens comuns, Siedenberg; Krüger (2015) destaca os 8 princípios que fundamenta a responsabilização, manutenção e gerenciamento de forma sustentável dos bens comuns: limites claramente definidos; Congruência entre regras de apropriação e de fornecimento com as condições locais; Participação nos processos decisórios; mútuo monitoramento; sanções graduais; mecanismos de solução de conflitos; Reconhecimento de direitos e Governança policêntrica.

Dando palpabilidade a discussão do bem comum Cardoso (2010), destaca que interrelações estruturam a ordem da sociedade, ligadas pela reciprocidade dos grupos e classes sociais, tendo como pilar os valores de ação recíproca e os padrões de justiça e bem comum. Logo, para se traçar uma tentativa de consolidação da valorização e reprodução da vida social, a participação dos atores sociais de forma direta ou indireta é uma premissa, através do diálogo constante dos interesses e a busca de formalização do entendimento. Logo, o saber local é superestimado, visto ao processo de tomada de valor destinado aos mecanismos locais.

Pressupondo então, a relação de redes na valorização e reprodução da vida social local, as manifestações e intenções individuais são acrescidas pelo desejo da solidariedade e fomentada para o enriquecimento da coletividade em direção à construção do bem comum e o afunilamento da integração social, rompendo com as barreiras das desigualdades e competitividade. Cabe salientar ainda, que mesmo embasado na coletividade, a partilha da gestão do bem comum, parte de interesses individuais que são balizados pela sustentabilidade do bem coletivo.

A constante valorização dos sujeitos locais ou estabelecidos como denomina Nibert Elias, impulsiona o protagonismo dos sujeitos quando estes se percebem pertencentes ao território e fortalece a ação conjunta dos bens comuns, como no caso dos profetas da chuva de Pedro II. Nesse sentido, a apropriação por parte da sociedade civil na tentativa de gerir os bens comuns, acirra a competição estabelecida pelo capital de gerir as fontes de transformação da sociedade. O que está em jogo nesse processo são as relações ambientais no tocante da fauna, flora e recursos naturais que produzem o alimento e a exploração cruel desses recursos por parte do sistema econômico vigente. Numa premissa utópica, a sociedade civil, representada pelo Estado, seria os guardiões dessas riquezas, pois a não preservação e sustentação desses recursos, coloca em ameaça toda espécie humana.

2. METODOLOGIA

Objetiva-se com este trabalho descrever e analisar a atuação da rede de profetas e profetizas de Pedro II, Estado do Piauí, na perspectiva dos valores da economia solidária, destacando a resistência frente aos desafios impostos pela pandemia da COVID-19.

O município de Pedro II está localizado no Território de Desenvolvimento de Cocais, composto por 22 cidades da macrorregião Meio-Norte do Estado. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a população Pedrossesegundense, em 2010, era de 37.496 habitantes, estimando-se um pouco mais de 38.000 para 2018.

Dados do IBGE (2020) apresenta a agropecuária como principal atividade econômica. A agricultura no município é baseada principalmente na produção sazonal de feijão, arroz, milho, castanha de caju, cana-de-açúcar e macaxeira. Além da criação de animais de pequeno porte como galináceos, caprinos e peixes.

A metodologia utilizada para discussão do artigo é a pesquisa qualitativa por meio do estudo de caso. Para análise dos dados elegeu-se a técnica análise de conteúdo (BARDIN). Os dados analisados foram coletados no XIII Encontro de Profetas e Profetizas

de Pedro II – Piauí, realizado em janeiro de 2021. Complementarmente, foi realizada entrevista semiestruturada com o organizador do evento e principal responsável pela formação da rede.

As categorias de análise são originárias da entrevista realizada e do conteúdo do Encontro online deste ano de 2021, tendo sido definidas a posteriori, como explicam Freitas; Janissek (2000), ou seja, tiveram origem empírica, escolhidas a partir da ocorrência de certo número de casos. Isto porque “as categorias são as rubricas significativas em função das quais o conteúdo será classificado e eventualmente quantificado” (FREITAS; JANISSEK, 2000, p. 46). São elas: (1) origem e caracterização da rede de profetas e profetizas de Pedro II-PI, (2) a atuação da rede frente à pandemia e a influência da economia solidária e (3) Saberes populares dos profetas e profetizas da rede.

No corpo do texto os nomes dos profetas não são identificados, tendo suas falas destacadas com recuo sob o título de PROFETA. Quanto ao nome do entrevistado, diante da anuência, seu nome é citado no corpo do texto.

3. OS PROFETAS E PROFETIZAS DA CHUVA DE PEDRO II – PI

3.1 ORIGEM DA REDE, CARACTERIZAÇÃO E OBJETIVO

O evento “Encontro de Profetas e Profetizas de Pedro II - Piauí” acontece anualmente no mês de janeiro após o período de observações e previsões dos profetas e profetizas. Os sinais do céu e da terra começam a ser observados a partir do mês de setembro, até a primeira lua cheia do ano novo. Logo, o evento acontece nos primeiros dias do primeiro mês do ano. Desde a primeira edição em 2009, é organizado pelo Centro de Formação Mandacaru.

O Centro de Formação Mandacaru é uma instituição filantrópica fundada na década de 90 como decorrência de atividades desenvolvidas por uma missionária da Alemanha na paróquia de Pedro II, Piauí. Seu trabalho acabou se estendendo para outros públicos carentes da região. Nesses quase 30 anos de atuação, tem beneficiado famílias da agricultura familiar lutando por políticas públicas (como acesso a água) e oferecendo educação acadêmica e religiosa. Tem como valor essencial ter uma convivência harmoniosa com a natureza e com o semiárido.

Neto Santos e Adeodata dos Anjos estão, hoje, à frente do Centro de Formação Mandacaru e são os principais responsáveis pela criação do grupo de profetas e profetizas. Em entrevista, Neto Santos¹ relatou suas experiências com a organização do evento.

Adeodata dos Anjos, então concludente do curso de Antropologia nos anos de 2007/2008, ao estudar os agricultores da região, percebeu que muitos faziam leitura da natureza pra prever o período chuvoso e planejar o plantio e a colheita utilizando conhecimentos de seus ancestrais. Com isso, propôs a Neto Santos: “Por que não fazer um encontro dessas pessoas, pra que elas possam compartilhar entre si e com a comunidade seus conhecimentos e experiências?”, instigou ela.

Assim, desde 2009 o evento acontece anualmente, chegando à décima terceira edição no ano de 2021. O local de realização é escolhido conforme suas especificidades e a disponibilidade do produtor residente. É priorizada a comunidade onde existem quintais produtivos e onde a relação dos produtores com a natureza é de fato sustentável.

Na primeira edição, o local escolhido foi a comunidade Tapera dos Vital, localizada a 45 km da cidade de Pedro II, contando com a presença de cerca de 11 profetas. A maioria deles reside lá, numa região de sertão, bastante seca, com índice pluviométrico bem abaixo do considerado normal pra o município-sede, como avalia Neto Santos.

A programação do evento normalmente segue o seguinte roteiro: o profeta daquela localidade apresenta sua propriedade, sua produção e toda a estrutura que possui. Conta ainda sua história, o trabalho familiar empreendido até então, sua rotina, conquistas e desafios naquela localidade. Em seguida, verifica-se a presença de novos profetas e profetizas para registro e acolhimento. Então é formada uma roda de conversa onde os profetas dão seu depoimento acerca das observações que tiveram do ano anterior sobre o período das chuvas do ano novo (Foto 1).

¹ Neto Santos tem 52 anos, pedrossesegundense, coordenador do Centro de Formação Mandacaru, uma instituição que neste ano completa 30 anos de atuação na área de agricultura familiar sustentável e de educação em Pedro II. Ainda, é radialista na Rádio Comunitária FM Matões há 25 anos onde também atua como diretor de jornalismo e tem como hobby a fotografia.



Foto 1: Roda de depoimento das previsões dos profetas
Fonte: Neto Santos

Desde a primeira edição os encontros são gravados em áudio e vídeo para serem veiculados nas rádios, portais de notícias e redes sociais para que mais pessoas tenham acesso. A organização do evento procura deixá-los à vontade para falar suas observações e previsões. Isto porque alguns deles têm receio de falar sobre suas previsões, com medo de “errar” ou de ser diferente de um outro produtor que julga mais experiente e sábio. Também ficam temerosos de sofrer críticas de algumas pessoas que os acusam de quererem saber mais do que Deus, adivinhando o futuro. Nos depoimentos do evento online é muito comum ouvir:

(...) eu vi assim, mas quem sabe é Deus (PROFETA, 2021).

(...) Eu só sei da minha cabeça pra baixo. Pra cima, quem sabe é Deus (PROFETA, 2021).

Para este momento, muitos levam seu caderno com anotações (Foto 2) ou até mesmo pedaço de plantas (ou outros materiais) com os sinais que provam suas observações. Ao final, é oferecido aos presentes um almoço coletivo onde eles podem conversar uns com os outros informalmente, compartilhando saberes, experiências e percepções. Assim, tem-se um momento rico de valorização dos saberes populares locais, numa verdadeira reverência aos saberes ancestrais, influenciando diretamente nas suas formas de trabalho, de produção e de relação com a natureza.



Foto 2: depoimento do profeta
Fonte: Neto Santos

No início, não aceitavam bem o título de “profetas” porque eles mesmos não viam a leitura da natureza como um dom divino, especial, mas como uma habilidade corriqueira, comum, do seu cotidiano. Por conta disso, alguns negam sua sabedoria, se escondem, o que dificulta a identificação de novos membros para a rede. No entanto, durante conversas mais informais, é possível perceber esse dom.

O objetivo do encontro anual de profetas e profetizas não se destina a verificar a exatidão de suas previsões, mas sim que mais pessoas se identifiquem com suas raízes, com a cultura passada de geração para geração, sua identidade. Neto Santos enfatiza que,

Para nós pouco importa se eles vão acertar ou errar. Para nós o que importa é o olhar especial que eles têm pela natureza. É um olhar de amor, de apego, de respeito. A essência do encontro é manter viva essa tradição e fazer com que as pessoas se identifiquem e que as novas gerações possam aprender com eles (Neto Santos, 2021).

É isso o que move o Centro de Formação Mandacaru para realizar anualmente este encontro: resgatar os valores do campo, desse trabalho tão importante para a reprodução da vida, que guarda a conciliação entre o âmbito social e o econômico, essenciais na vida em sociedade (FRANÇA FILHO, 2019).

De 2009 para 2021 percebeu-se as transformações e a conquista de tamanha riqueza imaterial proveniente dessa relação em rede. Neto Santos relata que os agricultores se sentem muito valorizados, principalmente porque percebem pessoas, inclusive de fora da comunidade, interessadas nas suas falas. Participam do evento profissionais da imprensa, professores, outros produtores rurais, membros de associações, além dos moradores da comunidade e familiares dos profetas que lá residem.

Durante os encontros puderam aprender novas formas de produção sustentável: alguns abandonaram o hábito de queimar e desmatar a terra para o plantio e adotaram novas fontes de observações da natureza. Por exemplo, aprenderam que os bichos terrestres são importantes aliados para prever e planejar o plantio do ano seguinte. Com isso, ao compartilharem sua sabedoria os laços com seus ancestrais, cultural e identitário, se fortalecem.

Cattani *et al* (2009, p. 293) explica que o conceito de saberes do trabalho associado remete à análise das relações históricas

entre trabalho e produção de saberes, em seu sentido ontológico, o trabalho é entendido como mediação dos seres humanos com a natureza, sendo elemento central da formação humana. por meio do trabalho, objetivam as coisas da natureza e conferem-lhe humanidade, humanizando-se com as criações e representações que produzem sobre o mundo; trabalham de acordo com determinada cultura e, ao trabalhar, produzem cultura (CATTANNI et al, 2009, p. 293).

Os agricultores familiares membros da rede de profetas e profetizas têm como fonte principal de renda a aposentadoria, sendo a produção de itens da agricultura e a criação de animais de pequeno porte (galinha, bode, porco) utilizados primordialmente para subsistência e a venda do excedente. A maioria dos integrantes da rede tem entre 70 e 80 anos (Foto 3). No último encontro, em 2021, deram depoimento 15 agricultores.



Foto 3 – Encontro presencial de profetas e profetizas de Pedro II – PI
Fonte: Neto Santos

Neto Santos fez questão de enfatizar a baixa participação das mulheres na rede de profetas, apesar de elas serem dotadas de grande conhecimento dos sinais da natureza e serem elas as tomadoras de decisões do plantio. Ele reflete que isso se dá em virtude da

problemática de gênero que assola nossa sociedade, mas no campo parece ser ainda mais presente. Por termos uma sociedade patriarcal e machista, muitas delas se sentem incapazes, inseguras e evitam mostrar o que sabem porque aprenderam que sua atuação deve se restringir às demandas do lar e da família, delegando ao marido os papéis sociais que extrapolam o contexto doméstico.

Isso interfere diretamente no nosso movimento “profetas da chuva”. Algumas delas são mulheres sábias, elas sabem, elas observam, mas não querem vir para o movimento. Elas sabem que se elas errarem na observação serão mais apontadas que o homem que errou, então elas evitam se expor. Eu já ouviu de algumas delas: ‘eu não sei de nada não’, ‘ninguém vai me ouvir’ (NETO SANTOS, 2021).

Como decorrência, do universo de 15 profetas apenas duas mulheres aderiram ao movimento. No entanto, no evento de 2021 apenas uma aceitou gravar depoimento com suas previsões. Percebendo essa potencialidade, o Centro de Formação Mandacaru tem realizado um paciente e empático trabalho de conscientização e valorização da sabedoria dessas mulheres agricultoras para que se sintam merecedoras de tamanho reconhecimento. A foto 4 abaixo, destaca o depoimento de uma das mulheres participantes.



Foto 4 – Depoimento de uma profetiza da rede
Fonte: Neto Santos

Neto Santos também destaca que vêm enfrentando desafios para desenvolver o trabalho com os profetas diante do necessário isolamento social durante a pandemia da COVID-19.

3.2. A ATUAÇÃO DA REDE FRENTE À PANDEMIA E A INFLUÊNCIA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Em virtude da pandemia, Neto Santos relata que as gravações dos depoimentos aconteceram isoladamente, na propriedade de cada profeta e profetiza, sem nenhum contato entre eles.

Nenhum profeta teve contato com os demais. Não viram o prognóstico dos amigos. Ao todo foram 15 profetas entrevistados em suas casas, dentro do período de 30 dias. A sintonia e sinergia presentes nas falas deles é fruto da harmonia desse encontro poético dos profetas com a natureza (NETO SANTOS, 2021).

Se por um lado ficou impedido o aproveitamento da riqueza do momento de conversas informais durante o evento presencial, por outro foi possível verificar tamanha sintonia entre eles. Tanto no que se refere aos sinais do céu e da terra utilizados para desenhar suas previsões, quanto à semelhança das observações. A cada depoimento apresentado, se confirmava a fala antecedente, revelando a afinidade entre os profetas.

Soma-se a isso o fato de que eles puderam ficar ainda mais confortáveis em falar de suas previsões sem comparar com a fala do amigo, como acontecia com frequência no encontro presencial. Mas, ainda assim, no depoimento gravado era comum ouvi-los fazer a seguinte ressalva:

(...) essas são as minhas observações, cada um tem a sua (PROFETA, 2021) .

A rede de profetas e profetizas de Pedro II foi formada ao longo desses 12 anos de Encontros promovidos pelo Centro de Formação Mandacaru, alicerçados em vínculos de respeito, admiração, confiança e amizade tanto entre os profetas como entre estes e os idealizadores do Centro de Formação Mandacaru.

Tanto assim que nos depoimentos do evento deste ano era comum ouvir alguns dizerem que estavam com saudade de seus amigos profetas, que gostariam de poder encontrá-los. Um deles ficou até com a voz embargada de emoção por não ter podido rever seus companheiros.

(...) Dói demais não poder encontrar meus amigos (PROFETA, 2021).

Segundo Neto Santos, eles veem o encontro anual como um momento de festa. Aqueles que tinham acesso à internet puderam assistir via redes sociais o próprio depoimento e o dos amigos, mas muitos não tiveram a mesma oportunidade.

Quando perguntado sobre a relação da economia solidária com o movimento dos profetas e profetizas da chuva de Pedro II-PI, Neto Santos respondeu:

Para mim, a economia solidária está aqui dentro a partir do momento que estas pessoas, quando se encontram, partilham conhecimentos; quando um passa a experiência para o outro; quando nos reunimos em uma comunidade e há uma partilha desde o alimento até conhecimento e qualquer outro bem material ou imaterial (NETO SANTOS, 2021).

A economia solidária resgata os saberes populares, a cultura e os valores de reciprocidade deixados de lado pela lógica exploratória do capital. Aqui, as relações econômicas são meios para o fim pretendido: o fortalecimento das relações sociais. Isso se dá ao valorizar a sabedoria e a cultura ancestrais, e ao reconhecer e celebrar a identidade de um povo por meio da comunhão de seus semelhantes.

3.3. SABERES POPULARES DOS PROFETAS E PROFETIZAS DA CHUVA DE PEDRO II – PI

É flagrante a presença do cunho religioso nas falas dos membros da rede. Ao lado de um forte receio e queixa acerca de julgamentos maldosos que sofrem por “quererem ser Deus”. No entanto, o instrumento de trabalho deles é a natureza, lugar de permanente presença divina.

Dentre os sinais da natureza utilizados para prever o período chuvoso que auxiliará sua plantação e que será decisivo para sua colheita, estão as árvores, o movimento dos pássaros, a direção dos ventos, o movimento das formigas, a casa do João de barro, a presença ou não de nuvens no céu, a densidade das chuvas em determinado período do ano, as constelações, a lua, o caminho de Santiago (chamado por eles de barra de natal, por ser observado na noite do dia 25/12), os relâmpagos, as formigas, duas espécies de peixes, as abelhas, o tatu, entre outros “sinais de Deus” como afirma um dos profetas:

(...) A cada ano a gente vai aprendendo com a ‘ciêncinha’ que Deus deixou. A carta que Deus mandou são os sinais. Ele não vai descer pra ninguém. Ele deixou os sinais no ar e na terra pra nós prestar atenção. Mas só quem espia pro chão e não repara pro ar é quem pergunta pela carta (PROFETA, 2021).

Ainda, é notório nas falas dos profetas um certo protesto e descontentamento no que se refere à má utilização da natureza. E ainda dizem que as tragédias naturais são uma “resposta de Deus” por prejudicar a natureza.

(...) Pode ser um inverno forte pela prejudicação à natureza, por isso as chuvas foram cedo em novembro e em dezembro quase não choveu. Se a maioria observar e respeitar (a natureza) seria muito bom. Mas a maioria prejudica (PROFETA, 2021).

(...) Tem que ter muito cuidado com essas tempestades que estão vindo, mas é porque a gente desligou muito da parte de Deus (PROFETA, 2021).

Isto porque, os profetas têm uma relação de respeito e amor às coisas que são do céu e da terra. Nas suas falas, percebe-se a relação harmoniosa e sustentável que mantém com a natureza:

(...) As verduras, as plantas são riquezas da nossa vida. Quando eu vejo lavrador como eu queimando quintal, eu me sinto mal com as plantas sapecadas. As folhas eu comparo com uma pessoa acidentada de fogo. Eu trabalho com defensivo da castanha do caju. Eu não trabalho com defensivo químico (PROFETA, 2021).

Além disso, manifestam-se sobre o trabalho da gestão pública no cuidado com o açude Joana, responsável principal no abastecimento de água na cidade de Pedro II. Alertam sobre as possíveis consequências da negligência das autoridades:

(...) Escorreu muita água nos rios, escorreu muito naquela passagem de Pedro II, botou muita água no açude Joana. E tenha cuidado, porque esse ano os homens não ajeitaram, não tiraram os matos, não zelaram o açude, (que é) nosso lazer que nós temos na nossa cidade, então vai ser um perigo ele ir embora. Porque não ajeitaram, então não vai caber a água toda (PROFETA, 2021).

A relação harmoniosa e de respeito que têm com a natureza auxilia a rede de profetas e profetizas de Pedro II – PI ao extrapolar sua consciência crítica para além da esfera da casa, desenvolvendo em seus membros uma consciência política e social mais ampla, que se estende aos demais espaços sociais da região.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao conhecer a rede de profetas e profetizas de Pedro II, enfatiza-se o grau de coesão do capital social existente entre os profetas que, por meio de encontros anuais para trocar conhecimentos, experiências e previsões, resistem a um processo latente de

deslegitimação do saber popular, fortalecendo a rede e garantindo a disseminação dos saberes adquiridos às gerações futuras.

Ao mesmo tempo que a sabedoria popular se fortalece quando lhe é dada visibilidade, existe uma rica oportunidade de criação de vínculos de afeto, partilha e comunhão entre os agricultores. Os valores da economia solidária são, então, experienciados por eles e disseminados para as demais pessoas que têm acesso ao conteúdo do Encontro, seja no formato presencial ou online.

No evento online pode ser observado a afinidade de saberes e os vínculos de afeto e amizade construídos entre os profetas ao longo dos anos e, ainda, o crescimento de sua autoestima e empoderamento, além dos aprendizados na esfera política e social.

Para estudos futuros, orienta-se conhecer o ponto de vista dos próprios profetas e profetizas para compreender mais profundamente seu trabalho, as heranças ancestrais que possuem e a importância da rede para sua formação pessoal e profissional. Complementarmente, é oportuno conhecer as questões pessoais, sociais e culturais que atravessam, particularmente, as profetizas.

Salienta-se que na construção do saber social, observa-se a consolidação do saber considerado senso comum em ciência e a covalência existente entre ambos, onde o suprimimento de um saber pode comprometer o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, A. **A construção da sociedade do trabalho no Brasil**. Uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, (E-book) 2010.

CATTANI, A. D. *et al* (autor). **Dicionário Internacional da Outra Economia**. São Paulo, SP: Edições Almedina, 2009.

FRANÇA FILHO, G. C. de. A problemática da economia solidária: um novo modo de gestão pública?. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. 2004, v. 2, n. 1, pp. 01-18. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-39512004000100004>>. Epub 17 Jul 2012. I. Acesso em 7 de Setembro 2021.

_____. A Economia Popular e Solidária no Brasil. In: FRANÇA FILHO, G.C. et al.(Org.), **Ação Pública e economia solidária: uma perspectiva internacional**. Porto Alegre-Salvador: EDUFRGS/EDUFBA, 2006.

_____. **Economia e Desenvolvimento**. Salvador, BA: UFBA, Escola de Administração, 2019. 97 p.

FREITAS, H. M. R. de; JANISSEK, R. Análise Léxica e Análise de Conteúdo: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para a exploração de dados qualitativos. Porto Alegre, RS: Editora Sagra Luzzanatto, 2000.

LE BERRE, M. Territoires. Encyclopédie de Géographie. Paris: Economica, 1995.

LIMA, Jamille da Silva. Desenvolvimento Territorial e Economia Solidária: das concepções e práticas entre o Estado brasileiro e os coletivos organizados no Território do Sisal-BA. **Revista Espaço Acadêmico**, nº131, abril de 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14762>. Acesso em 05 de Setembro de 2021.

KRAYCHETE, Gabriel. Economia Popular Solidária: Paisagens e Miragens. UCSAL: **CadernosdoCeas**, Salvador:2016. Disponível em: <https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/download/116/96>. Acesso em: 05/09/2021.

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

RONCAYOLO, Marcel. Território. In: **Enciclopédia Einaudi**: região. Porto: Imprensa, 1986.

SINGER, P. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo (orgs.). **A economia solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, P. Economia Solidária. In: CATTANI, A. **A Outra Economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003.

SIEDENBERG, Dieter Rugard. KRÜGER, Roseli Fistarol. Bens comuns e desenvolvimento territorial: o que podemos aprender deste instituto. VIII Seminário Internacional Dinâmica Territorial e Desenvolvimento Socioambiental: Terra em transe. **Anais...** UCSAL: Salvador, 2015. Disponível em: <http://noosfero.ucsal.br/articles/0009/2489/bens-comuns-e-desenvolvimento-territorial-o-que-podemos-aprender-deste-instituto-dieter-r-siedenisberg-e-roseli-f-kruger.pdf>. Acesso em 07/09/2021.

SOUZA, M. J.L. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.C. e CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

VASCONCELOS, T. A. C. de. A economia solidária na construção social do desenvolvimento territorial. In: ORTEGA, A. C.; FILHO, N. A. (Orgs.). **Desenvolvimento Territorial: Segurança Alimentar e Economia Solidária**. São Paulo: Editora Alínea, 2007.